



Na sexta-feira, Maria Santana Rodrigues e outras mães almoçavam no Centro Obstétrico do Hospital Regional de Ceilândia: crianças recém-nascidas ficam no chão, em área que tem alto risco de contaminação

# Escândalo na maternidade do HRC

*Superlotação no Centro Obstétrico chega a tal ponto que recém-nascidos ficam no chão ao lado das mães*

Kátia Marsicano  
Da equipe do Correio

**H**á quem diga que a hora do parto é difícil. No Hospital Regional de Ceilândia, entretanto, complicado mesmo é o pós-parto numa mais concorridas maternidades da rede pública hospitalar do Distrito Federal. De janeiro a novembro, foram registrados 9.494 nascimentos no hospital. Muitas vezes, a cada 24 horas chega a 40 o número de recém-nascidos nas enfermarias, no berçário e nos corredores do Centro Obstétrico.

Todas as mães chegam pela mesma rampa que dá acesso ao Pronto Socorro, esperam o atendimento na mesma salinha. São recebidas nos mesmos consultórios e passam pelos mesmos médicos. O que muda para cada uma delas, na verdade, é o depois. Depois que nascem os bebês, nem todas têm a sorte de conseguir uma maca para descansar até aparecer uma vaga

numa das 13 enfermarias na maternidade. Muitas ficam 48 horas deitadas num colchão encostado a um canto de parede. Elas e seus bebês.

Na manhã de sexta-feira, a dona-de-casa Jaqueline de Fátima de Paula, 29 anos, viveu o drama da superlotação da maternidade. Ao lado da pequena Amanda, sua quarta filha, estava desde as 4h esperando, não apenas uma maca para se acomodar melhor, mas uma roupa limpa para poder tomar banho. Estava do mesmo jeito que saiu da sala de parto. Não só ela. Leonice Efigênia, 20, e Adriana Helena, 31, também. Não havia sequer uma peça lavada disponível.

No Hospital Regional de Ceilândia, um berço pode acomodar dois, três e até quatro bebês. Na sala de pediatria, há apenas quatro caminhas para os recém-nascidos. Durante o tempo que for necessário, eles ficam lá até a única pediatra de plantão aparecer para pesá-los,

medi-los e depois entregá-los às mães. Um a um.

Na manhã de sexta-feira, por volta de 11h30, a plantonista era a pediatra Denise Queiroz. Desde 7h15, ainda não tinha parado para descansar. Dezoto crianças já haviam passado pelas suas mãos. Nem sabia quantas outras estavam esperando. Faltava tempo para contar. "Tem criança com seis horas de nascida que ainda não mamou, porque precisa ser examinada antes. Não dá para parar", conta a médica do Hospital Regional de Ceilândia.

Além de cuidar das crianças, Denise tem que ficar atenta aos pedidos de socorro das mães, principalmente as de *primeira viagem*, que se assustam com o bebê que não arrota, engasga ou começa a soluçar. É ela quem precisa estar por perto para dizer o que fazer. Pelo menos até terminar o plantão de seis horas.

Atravessando a porta que divide o Centro Obstétrico do berçário, o drama se repete. É lá onde ficam os prematuros e os filhos de mulheres que tiveram algum tipo de problema e não podem ficar com eles. Magrinhos e frágeis, seis bebês de alto risco lutam pela própria vida.

Nesse local, o trabalho é de outra pediatra, a veterana Alice Léris Saraiva, há 10 anos vivendo a mesma rotina no meio das crianças. Em três horas, tinha examinado 60 bebês. "Hoje até que está tranquilo", brinca.

Atualmente, o Hospital de Ceilândia tem, a cada turno, um pediatra no Centro Obstétrico, dois no Alto Risco e um na maternidade, onde ficam 13 enfermarias com até quatro leitos cada. São ao todo 65 leitos.

## O QUE COUBER

Quem trabalha no Centro Obstétrico (C.O.) já está acostumado com a superlotação. Uma das funcionárias chega a comentar com tranquilidade que essa história de lotação máxima não existe. "Ficam quantas couberem", diz ela. "Não podemos mandar uma mãe em trabalho de parto de volta para casa".

Na sexta-feira, por volta das 11h, 22 mães esperavam vaga na maternidade. Às 8h, eram quase 50 — mais de 20 conseguiram ser transferidas para a enfermaria. Seus bebês já tinham nascido, mas elas não podiam sair do C.O. — um lugar que, teoricamente, destina-se apenas a mães em recuperação do parto.

O tempo de permanência no C.O. não deveria passar de três ou quatro horas, mas por falta de alternativa melhor, o local foi transformado em área de internação.

Elas não gostam de ficar no local. Não há cama para todas — muitas vezes nem maca. As mães não conseguem tomar banho nem podem receber visitas. O soldado PM Wellington Souto, marido de Jaqueline, por exemplo, só vai conhecer Amanda quando mãe e filha tiverem alta, caso continuem internadas no Centro Obstétrico. O C.O. não foi feito para receber visitas. É uma área de isolamento. Esterilizada. Com alto risco de contaminação.

No C.O. não deveria ser permitido entrar comida. Mas entra. Sexta-feira, as 22 mulheres estavam almoçando. A dona-de-casa Maria Santana Rodrigues, 20 anos, comia arroz, feijão, carne moída e repolho refogado, ao lado da recém-nascida Tamara.

Jaqueline, a moça deitada no colchão, também comeu. "Não há como evitar isso. Elas precisam comer", diz a auxiliar de enfermagem, em resposta ao comentário sobre os riscos de contaminação.

## Setor precisa de médicos e macas

Construído no ano passado, o Centro Obstétrico tinha a finalidade de aliviar a superlotação da maternidade no HRC. A obra custou cerca de R\$ 1 milhão. Mas, no final das contas, os 15 leitos a mais (agora são 65) não foram suficientes, uma constatação identificada logo no primeiro mês de funcionamento em março deste ano.

"Pode parecer pouco, mas ajuda bastante", avalia Antônio Coelho, diretor da Regional de Saúde de Ceilândia. Para o diretor da Regional de Saúde de Ceilândia, a compra de mais 30 macas para tirar as pacientes do C.O e acomodá-las nos corredores da maternidade é uma solução imediata. Mas não há previsão certa para a aquisição. "Talvez no começo do ano que vem", diz ele.

Quanto à superlotação de bebês no C.O., Coelho confessa não poder fazer nada. Ele promete tentar contratar mais médicos. Hoje o déficit de profissionais é de 20 auxiliares de enfermagem e de 70 enfermeiros. Em toda a Regional atualmente trabalham 80 ginecologistas e obstetras. Seis deles dão plantão no C.O., mas há rodízio entre os demais.